



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Radialistas Contra a Aids: uma rede pela vida

*Andrea Pinheiro
Lúcia Helena Pierre
Nonato Lima¹*

Resumo

O presente trabalho trata do compromisso social do rádio e do radialista para a construção da cidadania. Inicialmente são analisadas as potencialidades do rádio como meio a serviço do diálogo social e de uma ação identificada com a transformação da realidade. Discute-se o conceito de rede no sentido mais amplo da atuação cidadã na sociedade e de rede de rádio. O passo seguinte é a análise da Rede de Radialistas Contra a Aids, que funciona no Ceará, desde 1998. Para essa análise, estabelece-se uma relação entre comunicação e educação, tendo como referência a visão biocêntrica de educação. Conclui-se, ao final, que as estratégias de comunicação/educação da Rede de Radialistas Contra a Aids são fundamentais para garantia do projeto, que já no seu quarto ano de existência, expande-se no Ceará, conquista prêmios nacionais e internacionais e, principalmente, transforma-se numa referência para entidades e instituições do Brasil e até do exterior que atuam na linha da saúde preventiva, especialmente relacionadas com DST/Aids.

Profissão e compromisso social

Brasileiro não vive sem rádio... dizia uma antiga campanha promovida por uma associação de emissoras de rádio. De fato, é difícil mesmo a gente imaginar a vida sem o rádio. É só ouvir em volta e sentir que o rádio é uma espécie de manto sonoro envolvendo-nos em sua paisagem eletromagnética a nos instigar à escuta, no mais distante lugarejo da zona rural e nas cidades, nos ambientes mais íntimos e nos espaços públicos, no concerto de vozes, sons, ruídos e silêncios da agitação urbana e na interação melódica com os ritmos da vida rural. Assim, o brasileiro não somente não

¹ Andrea Pinheiro, profa. do Curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, diretora executiva da Rádio Extra;

Lúcia Helena Pierre, jornalista da Rádio Universitária FM da Universidade Federal do Ceará-UFC e Rádio Extra;

Nonato Lima, prof. do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará-UFC, diretor da Rádio Extra.

¹ Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



vive sem rádio, como tem nesse meio de comunicação um lugar onde a vida se irradia em múltiplos sentidos.

Mas o que o faz tão presente, íntimo de todos nós? Ele tem a possibilidade de falar, recitar, cantar pra gente e com todos nós, a história e as histórias dos nossos dias, mobilizando emoções, despertando a imaginação, numa linguagem oral, intimista, dialogal, para além dos limites do espaço e do tempo, construindo e reconstruindo a vida partir de uma sonoridade tecida por uma infinidade de ritmos e tons.

As novas tecnologias ampliam ao máximo a onipresença da comunicação radiofônica, dando origem a estúdios virtuais, através de telefones celulares, computadores, transmissões por satélites... e o rádio se faz presente aonde quer que o homem vá.

Mas seja qual for a tecnologia utilizada, o rádio lembra sempre um bom ‘lugar’ para se conversar, sobre a vida e o mundo, sobre os seres humanos e sua história. Uma conversa que se projeta do estúdio para a rua, da rua para os lares, das casas para os estúdios, estabelecendo uma interação social potencialmente capaz de provocar o pensamento crítico e fortalecer os sonhos, sempre atuais e desafiadores, de transformação da realidade. Vistos dessa perspectiva, locutor e ouvinte se encontram, se identificam, se colocam um no lugar do outro, viram ambos locutores e ouvintes ao mesmo tempo, numa comunhão legítima de construção da cidadania.

Portanto, não é sem razão que o rádio é o meio de comunicação de maior audiência, chegando a quase totalidade dos lares brasileiros, inclusive aos que não têm energia elétrica e aos milhões de brasileiros que nunca tiveram acesso à escola. É muitas vezes a única esperança de eco da voz dos sem direitos, dos excluídos da cidadania efetiva. Por tudo isso é que o rádio lidera a audiência no horário das 6 às 18 horas, até em grandes centros urbanos, e mantém uma média diária de audiência de três horas e meia, no país.

O rádio é, pois, o prestador de serviço, o meio de entretenimento e de informação, o companheiro e o amigo com quem se pode contar. Tais características atribuem ao radialista a condição de um profissional que precisa estar atento à dimensão social do seu trabalho e consciente do seu papel de cidadão. A esse



profissional cabe a missão de falar e abrir espaços de interlocução com o público, devendo, para tanto, estar preparado e em permanente busca de aperfeiçoamento, informando-se, exercitando a humildade para aprender todo dia na interação com os ouvintes, na convivência com sua equipe de trabalho, na leitura de livros, revistas, jornais etc. Sobretudo é preciso desenvolver uma postura crítica em relação à história para poder se posicionar como agente empenhado na construção de uma nova sociedade em que haja lugar para todos viverem com dignidade.

Numa democracia incipiente e com tantas fragilidades em instituições vitais para o povo, com poderes constituídos envoltos em crises sucessivas e em perda de credibilidade por motivos até inomináveis, compete ao rádio e ao radialista um compromisso corajoso e firme com a construção da cidadania, como objetivo básico da prática radiofônica cotidiana.

Essa compreensão dinâmica do rádio e do radialista, que instaura múltiplas possibilidades de ação comunicativa, sugere a necessidade de programações mobilizadoras, alimentadas pelo conhecimento essencial da conjuntura econômica, política, social e dos valores culturais, tendo como inspiração o desejo sincero de contribuir para melhorar a vida das pessoas ajudá-las a se libertarem dos diversos tipos de exploração e da exclusão social.

No entanto, o rádio e o radialista agem e interagem dentro de um contexto marcado por conflitos e contradições que não podem ser desconsiderados. Ao mesmo tempo em que há objetivos sociais muito importantes a serem priorizados, determinações jurídicas, políticas e econômicas se impõem em benefício de interesses restritos, como lucro ou controle político-econômico.

Diante desse quadro, ao radialista cabe a dupla tarefa de construir a própria identidade e cidadania e contribuir para a formação da cidadania no meio social em que atua. Não há, evidentemente, um caminho pronto a ser percorrido, mas um primeiro passo é entender conscientemente que a sua voz pode ser a manifestação polifônica do desejo de felicidade daqueles que o escutam e que propõem com essa atitude cotidiana o direito de serem igualmente escutados.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

E de que maneira essa proposta pode converter-se em ação? Sem ousar respostas prontas para a complexidade que enfeixa essa questão, apresentamos a seguir algumas sugestões.²

Construindo o diálogo

Primeiro do que tudo, é preciso romper com os preconceitos, visto que estes geram injustiças, maltratam, humilham as pessoas e têm a agravante de nada produzirem de socialmente proveitoso.

O diálogo, em essência presente na linguagem, deve nortear o discurso radiofônico, para que o desejo de democracia possa ir se tornando real e para estrategicamente colocar dentro da programação da emissora a pluralidade da fala social. Assim, todos têm a oportunidade de oferecer um pouco de si, na interlocução radiofônica, pois certamente, a voz do radialista não faz sentido sem as outras vozes do meio social.

Na abordagem dos problemas sociais, a voz do radialista precisa chegar com o tom de quem se põe a serviço do esclarecimento, da preocupação em conhecer efetivamente os diversos aspectos envolvidos, para que possa realizar a crítica responsável e defender soluções compatíveis com os anseios coletivos.

Os serviços e instituições públicas são sempre temas de matérias e programas, em função da relevância social. É preciso uma atitude direcionada para o aperfeiçoamento desses serviços e instituições, através da fiscalização, cobrança de eficiência, apoio necessário, e reconhecimento de avanços qualitativos. Talvez não seja demais recordar que o próprio rádio é também um serviço público.

Nesse sentido, a atuação estratégica e solidária na defesa de políticas públicas - especialmente de saúde, educação, habitação, saneamento, geração de emprego e renda – torna-se decisiva pelos frutos que pode produzir para a sociedade e, inegavelmente, pelo fortalecimento da credibilidade e vínculo social do rádio e do radialista como agentes da construção da cidadania.

² Essa discussão sobre o compromisso social do rádio e do radialista e a noção de diálogo na comunicação radiofônica integraram inicialmente o trabalho “O Locutor Profissional”, módulo do Curso de Formação de Radialistas do Sindicato dos Radialistas e Publicitários do Ceará em 2000 2001.

¹ Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A comunicação radiofônica ganha em amplitude e eficácia quando está em sintonia com a arte e a cultura da área de alcance da emissora e ao mesmo tempo alimenta-se de relações interculturais dinâmicas. A cultura oferece ao radialista a chave da porta de entrada para a interação social enriquecida pela diversidade.

A criatividade, indispensável ao ser humano, torna-se imperativa ao radialista. Agir criativamente no rádio é não se acomodar, não se conformar com a repetição enfadonha de modelos cristalizados, é manter um espírito crítico, curioso, sempre aberto a inovações. Essa abertura, tanto se refere ao dia-a-dia da emissora em suas várias instâncias, quanto a ações integradas com outras emissoras de uma mesma cidade, de várias regiões ou de um país inteiro, através de redes. O mais importante é que o radialista transforme o trabalho diário numa “atitude pela vida”, o que significa rejeitar posições e atitudes que afrontem a dignidade humana.

O diálogo em rede

Está cada vez mais presente no nosso dia-a-dia a compreensão de que é preciso integrar os diversos atores sociais na perspectiva da construção de um mundo melhor. Integrá-los significa permitir que dialoguem entre si, estabeleçam vínculos, construam comunicação.

Entenda-se integração não apenas no sentido do universo virtual, da agilidade da informação, mas principalmente no sentido da inclusão, “de fazer parte”, de partilhar um código comum.

Quando pessoas diferentes entre si, situadas muitas vezes em lugares distantes, vivendo realidades distintas, porém motivadas por um imaginário comum, passam a interagir e desenvolver ações conjuntas, estão atuando em rede. O conceito de rede - que vários estudiosos consideram como “um amplo conjunto de fóruns e articulações variadas que conectam organizações e entidades populares”³ - ganha novo sentido quando indivíduos, independentemente das instituições, passam a atuar de forma coletiva.

³ SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de Movimentos Sociais*. São Paulo: Loyola. 1993.

¹ Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



São as chamadas Redes de Colaboração Solidária⁴, onde pessoas são articuladas para viabilizar projetos que visam o bem-estar social de determinado grupo ou comunidade. Essa articulação, além de promover o intercâmbio de idéias, fortalece as pessoas, os projetos e os grupos envolvidos. Mance (2000) considera que esse modelo de rede é revolucionário na medida que atua seguindo os princípios da *intensividade* e *extensividade*⁵. *Intensividade* é a capacidade de cada unidade da rede em atingir e envolver um maior número de pessoas no local onde aquela unidade atua e *extensividade* é a expansão da rede para outros lugares ao mesmo tempo em que favorece o seu fortalecimento. Para que uma rede possa se desenvolver de forma satisfatória é preciso levar em conta os elementos da *diversidade*, *integralidade* e *realimentação*.⁶

O princípio da *diversidade* está baseado na capacidade da rede de se articular com outras ações em diversos setores, sejam eles estatais ou não, estabelecendo fluxos e trocas entre si. *Integralidade* significa que a rede passa a assumir todos os objetivos que cada parte integrante da rede assume em particular. Por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST, continua lutando pela reforma agrária, mas também contribui na luta em defesa dos direitos da mulher, dos índios, dos negros etc. A idéia de *realimentação* está relacionada com a noção de que as ações desenvolvidas por cada setor da rede, provocam novas ações da própria rede, possibilitando a inclusão de novas pessoas e projetos.

À compreensão da atuação em rede, acrescenta-se a importância do trabalho de mobilização social desencadeado por essa experiência. “A mobilização social não é uma oportunidade de conseguir pessoas para ajudar a viabilizar sonhos, mas de congregar pessoas que se dispõem a contribuir para construção de um sonho, que passa a ser de todos”.⁷

⁴ MANCE, André Euclides. A Revolução das Redes. Rio de Janeiro: Vozes. 2000.

⁵ Idem.

⁶ Ibidem.

⁷ TORO, José Bernardo A. e WERNECK, Nísia Maria Duarte. Mobilização Social, um modo de construir a democracia e a participação. Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, 1997.
1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Tanto a atuação em rede como o trabalho de mobilização social contam hoje com a mediação dos meios de comunicação, especialmente o rádio, um dos poucos veículos capaz de construir, de fato, diálogo com a sociedade.

O rádio é um espaço favorável à participação, à organização e ao processo de construção da cidadania. Mas para tanto é fundamental que os comunicadores estabeleçam diálogo com os ouvintes, priorizando temas que muitas vezes são negados ou são tratados de forma inadequada nos demais meios de comunicação.

“Essas estratégias valorizam o outro e colocam o ouvinte, na condição de sujeito, a partir da responsabilidade com o que está sendo dito e anunciado. A organização dos radialistas em Redes é uma forma de dar um basta no rádio excludente e unidirecional que vinha reinando absoluto”⁸.

Nesse sentido, os radialistas assumem o papel de reeditor social⁹, ou seja, é aquele que é “reconhecido socialmente e tem a capacidade de introduzir e criar sentidos frente ao seu público, contribuindo para modificar suas formas de pensar, sentir e atuar”. É isso que os radialistas da Rede de Radialistas contra a AIDS estão sendo estimulados a fazer com o seu público, como veremos a seguir.

Uma rede pela vida

É nessa perspectiva de *sintonia com a vida* que se inscreve o projeto Radialistas Contra a Aids, criado pelo Instituto de Saúde e Desenvolvimento Social – ISDS, com apoio da Secretaria de Saúde do Ceará, movidos pelo desejo de “otimizar a cobertura e a qualidade das informações relacionadas com a saúde reprodutiva e doenças sexualmente transmissíveis, sobretudo Aids”.¹

Propondo uma ruptura com os preconceitos, dialogando, esclarecendo, com criatividade e humor, em ritmo de forró, no balanço do rap, nas rimas do cordel e nas boas tramas da novela radiofônica, o Projeto Radialista Contra a Aids amplia as

⁸ PINHEIRO, Andrea. Rádio, audiência como sujeito.

⁹ TORO, José Bernardo A. e WERNECK, Nísia Maria Duarte. Mobilização Social, um modo de construir a democracia e a participação. Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, 1997.

¹ Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



possibilidades de atuação estratégica e solidária dos radialistas na defesa de políticas públicas de saúde identificadas com a cidadania em sua plenitude, Lima (1999).

O ponto de partida foi o Teatro de Rua Contra a Aids, com o *Auto da Camisinha*, do dramaturgo José Mapurunga. “O Auto da camisinha encantou e sensibilizou platéias em todo o Ceará quanto à necessidade de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, sobretudo a aids.¹⁰ Em seguida, virou peça radiofônica de sucesso em *A radionovela da camisinha*, adaptação feita pelo dramaturgo e radialista Artur Guedes. Estava assim plantada a semente do que viria a ser uma referência nacional na luta contra as DST/Aids.

Dois aspectos devem ser ressaltados como fundamentais no projeto. O primeiro diz respeito à concepção de comunicação que vai muito além da produção de campanhas para veiculação, tendo em vista a articulação de instituições públicas e não governamentais e de profissionais de saúde, comunicação e outros campos na busca do desenvolvimento de uma cultura de saúde preventiva. O segundo, igualmente relevante, relaciona-se com a visão de saúde que elimina barreiras entre campos técnico-científicos, cultura e arte, promovendo a interação de saberes em benefício da vida..

Uma confirmação disso é o conjunto de atividades estratégicas que se desenvolvem no Ceará, desde 1998, o ano em que se formou a Rede de Radialistas Contra a Aids, atualmente integrada por 130 radialistas de Fortaleza e do Interior, mais de 50 emissoras de rádio, comunitárias, comerciais e educativas.

São muitas as ações desenvolvidas nesses quatro anos da rede, mas, para se ter uma idéia da dinâmica de funcionamento do projeto, vamos a alguns exemplos:

1. Profissionais de saúde, educação, ciências sociais e de vários outros campos científicos e técnicos, comunicadores e artistas somam esforços em seminários estaduais e regionais de capacitação de radialistas, onde se realizam oficinas, palestras e debates sobre sexualidade, saúde reprodutiva, relações de gênero e papel do rádio na luta contra as DST/Aids;
2. Mostras de arte sobre prevenção a doenças sexualmente transmissíveis;

¹⁰ Radialistas Contra a Aids: a história de um projeto. Instituto de Saúde e Desenvolvimento Social: Fortaleza, 1999.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

3. Teatro em praças de Fortaleza e do Interior ;
4. As rádios veiculam CDs com peças publicitárias e músicas sobre prevenção às DST/Aids, material especialmente produzido para a Rede de Radialistas Contra a Aids;
5. Realização de concursos incentivando a produção de peças publicitárias para a luta contra a Aids, com participação dos radialistas da rede e de estudantes de comunicação de Universidades do Ceará.
6. Boletim trimestral e mala direta com informações para apoio ao trabalho dos radialistas;
7. Oficinas regionais de capacitação de novos radialistas para inclusão na Rede.

Radialistas em rede: visão biocêntrica

Percebe-se que para o ISDS, o rádio é considerado no seu potencial de fala, mas igualmente na sua capacidade de escutar, promovendo assim, uma ação dialógica a partir da própria cultura na luta pela saúde, num esforço coletivo essencialmente educativo numa perspectiva biocêntrica.

A educação biocêntrica faz parte da Tendência Progressista Evolucionária¹¹ e tem como axioma o respeito à vida. Ela é inovadora na medida em que discute em profundidade as relações dos indivíduos com os outros e com o mundo em que vivem. A pedagoga Ruth Cavalcante (1999) afirma que os educadores que praticam o princípio biocêntrico vivem uma pedagogia comprometida com a evolução da vida, que prepara o educando para viver e conviver com as mudanças no mundo em transformação, através do cultivo do seu núcleo afetivo.

A educação biocêntrica prioriza a pessoa como um todo, ocupando-se do equilíbrio emocional para despertar e manter os valores humanos. É uma pedagogia que

¹¹ A classificação Tendência Pedagógica Evolucionária foi criada pela pedagoga Ruth Cavalcante, sistematizada no livro “Educação Biocêntrica”, onde descreve como elementos de aprendizagem dessa tendência o compromisso com a vida: solidariedade como visão ético-política; busca da integração do ser humano com o universo; cada parte de um sistema contém informação do sistema completo; reeducação afetiva da vida e elevação do nível de consciência e desenvolvimento moral e ético; integração das ciências com as tradições, as artes e a filosofia; novo código ligando a mente ao coração, à sensação, à intenção, ao pensamento e ao sentimento; diálogo, codificação e problematização da situação para compreender o vivido até chegar ao nível mais crítico da realidade; cultivo das energias organizadoras da realidade.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



prepara o educando para viver e conviver com as mudanças do mundo em constante transformação, cultivando o seu mundo afetivo.

A convergência entre o projeto Radialistas Contra a Aids e a educação biocêntrica reside no fato de ambos colocarem como linha fundamental de atuação o respeito à vida no resgate da condição humana das pessoas, respeitando-se as diferenças de cada indivíduo.

Este aspecto é ressaltado pelo autor do projeto, o médico Ranulfo Cardoso Filho:

“A escolha do projeto Radialistas Contra a Aids é capacitar radialistas para desenvolver uma comunicação radiofônica destinada à prevenção das DST/AIDS, no contexto sócio-cultural do Ceará, estimulando-os a promover uma sexualidade livre de preconceitos, tabus e estereótipos, realçando valores como o reconhecimento do direito à diversidade, à sexualidade prazerosa, informada e livre, erradicando o medo e a ignorância.(Cardoso Filho: 10, 2000)”¹²

Evidencia-se, desse modo, o caráter educativo do projeto, ao reforçar a idéia de que é o comportamento e não a classe social, econômica ou a orientação sexual que são determinantes da prevenção a doenças. Se pensarmos em transformação social e mudança de comportamento, certamente a determinante será educacional. E neste ponto, também o projeto Radialistas Contra Aids assume uma característica de ação de cunho educativo-biocêntrico, ao defender o prazer de viver e o desenvolvimento da inteligência afetiva, que significa viver o afeto pelas pessoas, criação de vínculos.¹³

A Rede de Radialistas Contra a Aids fortalece a identidade do profissional, através do aperfeiçoamento dos conhecimentos e valorização da cultura popular onde está inserido. A partir dessa preparação, o radialista sente-se capaz de promover

¹² Radialistas Contra a Aids: avaliado a experiência do Ceará, 1998-2000. Dissertação de Mestrado. Ranulfo Cardoso Filho. Universidade de Fortaleza, 2000.

¹³ A inteligência afetiva difere da emocional, pois não é controle das emoções para situações adversa, mas sim a vivência do afeto pelas pessoas.

¹ Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



mudanças, tenta mudar o próprio comportamento e o dos seus ouvintes com relação ao uso da camisinha e a convivência com soropositivos e pessoas que vivem com Aids.¹⁴

É importante ressaltar, ainda, que nas raízes da educação biocêntrica – que vamos resumir a seguir - encontram-se aspectos plenamente identificáveis no projeto ora em análise.

A origem da educação biocêntrica está na biodança, criada pelo chileno Rolando Toro e definida pelo psicólogo brasileiro César Wagner, como um sistema de desenvolvimento humano voltado para a expressão e o fortalecimento da identidade, ponto de partida e base das ações que construímos acerca de nós mesmos. Isso aconteceria através da ativação do que Toro classifica como as cinco linhas básicas do instinto: vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência. Assim, onde a educação biocêntrica detecta uma situação de opressão, provoca uma reação organizada contra a situação, favorecendo uma transformação. A ação biocêntrica realiza-se através da música, do movimento em forma de dança, poesia, comunicação dialógica e afetiva entre todos os envolvidos no processo educativo.

É importante lembrar que o processo educativo não acontece só na escola. O rádio é também um espaço social de educação, uma grande escola, sendo privilegiado por estar ao alcance de um imenso número de pessoas que só precisam de um pré-requisito para aprender: ouvir.

Por meio do rádio, professores e alunos, comunicadores e ouvintes podem vivenciar um processo de comunicação potencialmente favorável ao fortalecimento da relação pedagógica e/ou da consciência da cidadania, como a divulgação de informações sobre a importância da prevenção de DST/AIDS, o respeito ao soropositivo e à pessoa que vive com Aids, como faz o projeto Radialistas Contra a Aids.

Seguindo a lógica da educação biocêntrica: quanto mais prazerosa a situação, mais se reforça o processo de aprendizagem. Nesse sentido, a Rede de Radialistas Contra a Aids filia-se à linha biocêntrica ao enfatizar o lado prazeroso do sexo, o humor e a alegria do cearense, sempre presentes em seus esquetes, radionovelas e

¹⁴ Soropositivo – refere-se a pessoas infectadas pelo vírus da Aids e que possuem anticorpos anti-HIV em níveis detectáveis. Ver Guia Prático sobre Aids para profissionais de Comunicação – Ministério da Saúde. S. data.

¹ Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



músicas. A cultura popular aparece em todas as atividades propostas pelo projeto e sugeridas aos radialistas participantes da Rede.

Um importante pressuposto da educação biocêntrica é valorizar o conhecimento que cada pessoa traz de sua vivência pessoal. Nessa perspectiva pedagógica é fundamental aproveitar o saber da experiência do educando e a natureza que o rodeia. O trabalho deve ser feito dentro de um olhar coletivo e cooperativo para favorecer os três níveis de vinculação do educando:

- a- consigo, através da ampliação do nível de consciência;
- b- com o outro, por meio do trabalho em parceria;
- c- com o grupo, através de trabalho em equipe.

Isso também acontece com os Radialistas Contra a Aids. A experiência profissional, as características pessoais de cada um são levadas em conta e valorizadas dentro das atividades do projeto.

Pode-se fazer um paralelo entre as vivências da educação biocêntrica e as oficinas do projeto Radialistas Contra a Aids. Nos dois casos, parte-se de uma estimulação temática, para que cada pessoa possa produzir algo através do que aquela atividade reflete de sua experiência de vida ou profissional.

O projeto Radialistas Contra a Aids vai acontecendo num enredamento progressivo onde os radialistas vão juntando conhecimentos do cotidiano, elementos da cultura popular e as informações de saúde e produção radiofônica transmitidas através dos seminários. É observando o mesmo esquema de progressividade que a educação biocêntrica transmite um conhecimento ou tenta transformar uma situação de opressão vivida pelos educandos.

Na Rede de Radialistas Contra a Aids, é por meio do humor e da cultura popular que os comunicadores atraem os ouvintes para a questão da prevenção da Aids e contra o preconceito relacionado aos soropositivos e pessoas que vivem com Aids. Mas isso ocorre porque antes de atrair os ouvintes, os comunicadores também se sentiram identificados com o projeto Radialistas contra a Aids.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Em entrevistas realizadas com radialistas participantes¹⁵, constatou-se que o projeto conseguiu valorizar o rádio como veículo de intervenção educativa, provocou mudanças de comportamento que favorecem a divulgação de medidas de prevenção de DST/AIDS e incentivou o recurso ao humor e à cultura popular para combate ao preconceito a soropositivos, dando uma nova imagem sonora para a discussão do tema.

Os radialistas revelaram que a participação no projeto mudou suas vidas pessoais, ou seja, na relação com os filhos, com os amigos, ou no fato de se sentirem mais seguros para passar aos ouvintes as informações sobre prevenção da Aids e uso da camisinha para uma vida sexual mais prazerosa e saudável.

Pode-se constatar, a partir do relato dos radialistas, que houve uma tomada de consciência dos radialistas quanto ao papel social que podem desempenhar em relação à formação de opinião e a responsabilidade de participarem da construção de uma nova realidade eticamente correta na convivência com os soropositivos e no cuidado de cada um com sua própria saúde.

Conclusão

A Rede de Radialistas Contra a Aids constitui-se, efetivamente, como uma iniciativa de muito sucesso pela visão ampla em que se inspira. Não se trata de mais uma campanha ou de mais uma rede convencional com papéis previamente definidos e limites estabelecidos.

A arte, o saber popular, a produção científica, o rádio, são espaços de encontro pela construção de uma visão de saúde, cujo foco central é a prevenção, mas que considera fundamental a solidariedade e o respeito aos que vivem sofrem alguma doença.

¹⁵ PIERRE, Lúcia Helena. Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Educação Biocêntrica. Universidade Estadual Vale do Acaraú. Fortaleza, 2000.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Com relação às DST/Aids, a Rede discute as relações de gênero, a sexualidade, os conhecimentos científicos da área de saúde, as estratégias de comunicação mais adequadas para os radialistas se informarem e se comunicarem com os ouvintes, as formas de rompimento com os preconceitos e a ignorância.

Os integrantes da Rede relatam em reiteradas ocasiões, as mudanças positivas que ocorreram em suas vidas pessoais e no próprio trabalho que desenvolvem. Muitos dos radialistas, além de produções radiofônicas, ministram palestras, promovem oficinas em bairros, escolas etc. evidenciando que a Rede de Radialistas Contra a Aids está, de fato, em sintonia com as novas perspectivas de redes, que articulam mobilização social e ações estratégicas de comunicação pela construção de uma nova realidade. Os Radialistas contra a Aids conseguem fortalecer o rádio, valorizando seu potencial de diálogo e educação, pela saúde e pela vida.

Bibliografia

AIDS, Leia Antes de Escrever. Guia Prático sobre Aids para Profissionais de Comunicação. Ministério da Saúde, Brasília, sem data.

BOLETIM DO ISDS. Instituto de Saúde e Desenvolvimento Social -ISDS. Fortaleza, Agosto, 1998.

CARDOSO FILHO, Ranulfo. Radialistas Contra a Aids: avaliando a experiência do Ceará 1998-2000. Fortaleza: UNIFOR, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Fortaleza, 2000.

CAVALCANTE, Ruth. Educação Biocêntrica. Fortaleza: 2000.

LIMA, Nonato. O Locutor Profissional. Curso de Formação de Radialistas. Sindicato dos Radialistas e Publicitários do Ceará. Fortaleza, 2001.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

_____. **A vida vem em ondas. In: RADIALISTAS CONTRA A AIDS: a história de um projeto. Instituto de Saúde e Desenvolvimento Social - ISDS. Fortaleza, 1999.**

MANCE, André Euclides. A Revolução das Redes. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

PIERRE, Lúcia Helena. Educação Biocêntrica na prevenção das DST/Aids. Fortaleza: UVA, 2000. Monografia (Especialização em Educação Biocêntrica) Universidade Estadual Vale do Acaraú, Fortaleza, 2000.

PINHEIRO, Andrea. Rádio, audiência como sujeito. Fortaleza, 2000: inédito.

RADIALISTAS CONTRA A AIDS: a história de um projeto. Instituto de Saúde e Desenvolvimento Social- ISDS. Fortaleza: 1999.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de Movimentos Sociais. São Paulo: Loyola, 1993.

TORO, José Bernardo A. e WERNECK, Nísia Maria Duarte. Mobilização Social, um modo de construir a democracia e a participação. Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, 1997.